

# TRAÇADOS DA LETRA E DO PERFIL DE UM POETA NA TRADUÇÃO COMPLETA DE *OSSI DI SEPPIA* PARA O PORTUGUÊS

ARIVANE AUGUSTA CHIARELOTTO\*

**RESUMO:** Neste texto serão analisados os elementos paratextuais da tradução de *Ossi di Seppia*, livro de poemas de Eugenio Montale, feita por Renato Xavier e publicada pela Companhia da Letras em 2002, como *Ossos de Sépia*. Apesar de se tratar de um autor canônico da literatura italiana e de nos aproximarmos do tempo de comemorar um século de sua primeira publicação (1925), a tradução de Renato Xavier ainda é a única que versa a obra completa para o português, o que, seguramente, a torna importante para o leitor brasileiro. Neste caso, o que dispõem os textos que apresentam a obra e que características portam as descrições e traçados da expressão poética montaliana?

**PALAVRAS-CHAVE:** Eugenio Montale; poesia italiana; tradução; paratexto.

**RIASSUNTO:** *In questo testo saranno analizzati gli elementi paratestuali della traduzione di Ossi di Seppia, libro di poesie di Eugenio Montale, fatta da Renato Xavier e pubblicata dalla Companhia da Letras nel 2002, come Ossos de Sépia. Nonostante si tratti di un autore canonico della letteratura italiana e si avvicini la data commemorativa di un secolo dalla sua prima pubblicazione (1925), la traduzione di Renato Xavier è ancora l'unica dell'opera completa in portoghese, il che ne sottolinea l'importanza per il lettore brasiliano. In questo caso, che cosa mettono a disposizione i testi che presentano l'opera e che caratteristiche svelano*

\* Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (Brasil) - arivaneaugusta@gmail.com  
Processo n.2013/20971-0 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

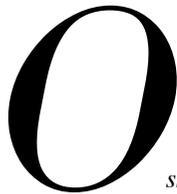


*le descrizioni e i tratti dell'espressione poetica montaliana?*

**PAROLE CHIAVE:** *Eugenio Montale; poesia italiana; traduzione; paratesto.*

**ABSTRACT:** *This paper will analyze the elements of paratextual translation of the book of poems Ossi di Seppia by Eugenio Montale, made by Renato Xavier, published by the Publishing "Companhia das Letras" in 2002, as Ossos de Sépia. Although it is a canonical author of Italian literature and it's about to celebrate a century of its first publication (1925), the Renato Xavier's translation is still the one which deals with the complete work to the portuguese, which surely makes it important for the Brazilian readers.*

**KEYWORDS:** *Eugenio Montale; Italian poetry; translation; paratext; Ossi di Seppia.*



*Ossi di Seppia*, o primeiro livro de poemas publicado por Eugenio Montale, teve a primeira edição em 1925, pela Editora de Piero Gobetti, de Turim, o que veio a ser uma marca indelével ao autor que, ao longo dos 85 anos de vida, mostrou-se pouco afeito a lendas partidárias.

Os sessenta e um poemas que compõem a obra, apresentam-se distribuídos em seis sessões. A nosso ver, a referida classificação dos poemas parece alegorizar uma jornada, já que começa tratando dos limiares, de um dia que nasce cheio de promessas e incertezas (em consideração ao primeiro poema *In limine*), os movimentos (*Movimenti*), cujo desenrolar de alguma maneira envolve a dúvida e as indisposições da linguagem as quais, igualmente, são as referências do ápice da jornada (no corpo da obra *Ossi di seppia* e *Mediterraneo*), seguindo para o respectivo e inexorável esmorecimento (com *Meriggi e ombre*) e o último aceno da luz do dia (com *Riviere*).

A disposição das sessões é emblemática porque não expressa a ordem da produção do autor; ou seja, ele quebra com o esquema cronológico, já que os poemas estão embaralhados. A sucessão temporal é colocada em xeque quando os poemas que compõem as primeiras sessões não necessariamente foram escritos antes dos demais que os sucedem. Esta é uma das características que, entre outras, fazem a perspectiva artística montaliana se destacar nas abordagens do início do *Novecento*, sabendo-se que este tempo, em si, envolve a iminente busca por novas definições artísticas e culturais no velho continente.

Essas definições, aqui tratadas em linhas gerais, foram destrinchadas por Renato Xavier, o tradutor que, em 2002, verteu a obra para o português, pela Editora Companhia das Letras, de São Paulo, então integrando a Coleção Nobel. Na obra, que leva o título homônimo *Ossos de Sépia*, Xavier se ocupa também das notas e do prefácio, texto este de onze páginas, no qual o autor procura analisar os percursos e escolhas editoriais perante as sucessivas reedições da obra chegando aos nossos dias. Ao abordar o entrelaçamento da manifestação poética com alguns traços biográficos do poeta, o tradutor tece as seguintes considerações:

A busca de identidade em diálogo na primeira pessoa com o mar permite um balanço existencial, revelador da individualidade, da diversidade e dos limites da subjetividade, da condição humana em que o poeta procura aprender e adquirir consciência. O poeta vê-se como detrito rejeitado pelo mar. No confronto de opções impõe-se a escolha inelutável da terra.” (XAVIER, 2002, p. 17-8)

A leitura de Xavier, fortemente inclinada ao reconhecimento do tema de fundo que perpassa a poesia de Montale, frisa a confluência entre os elementos marinhos e balanço existencial, abrindo precedente para a problematização dos limites da subjetividade na identificação das nuances da realidade espectral que atingem a consciência. O tradutor parece contar com a erudição do leitor ou, então, com algum conhecimento prévio, sobre os fundamentos filosóficos que perpassam a abordagem montaliana.

Montale, que nasceu em Gênova – Ligúria, em 1896, no curso da juventude estabeleceu contatos artísticos, os quais, agregados a uma inteligência observadora, favoreceram o desenvolvimento de estudos autodidatas. A matéria poética de *Ossi di Seppia* decorre desse processo de amadurecimento intelectual e é por meio do contato com a natureza marinha na região ligure, especialmente de *Cinque Terre*, que Montale retira os elementos com os quais produzirá os poemas enfocando as controversas relações da existência.

Xavier, ao prefaciá-la a tradução da obra, procura amarrar essas relações, a fim de contextualizar o pensamento do poeta perante o ingresso no *Novecento*. De fato, deve-se considerar que Montale, nesta época, não era um autor de todo desconhecido do público brasileiro, porque partes de sua obra já haviam sido traduzidas anteriormente.

A primeira ocasião se deu com a tradução de livro de narrativas autobiográficas lançado na Itália, em 1960, *La farfalla di Dinard*, publicado pela Editora Nova Fronteira – Rio de Janeiro,

em 1976, sob a assinatura de Armandina Puga, Cardigos dos Reis, Carlo Aluigi, Herder Pereira Rodrigues e Marina Colasanti, como tradutores, e *Borboletas de Dinard: memórias e fantasias*, como título.<sup>1</sup> Tal obra compreende somente os contos traduzidos; não tem prefácio e, autor e obra são apenas comentados brevemente na orelha.

Depois, em outubro de 1995, dois poemas de Montale foram incluídos no número 06 (Ano 3) da Revista *Poesia Sempre*, editada pela Fundação Biblioteca Nacional, com sede no Rio de Janeiro, e cuja temática envolvia a poesia italiana contemporânea.<sup>2</sup> O referido número também não traz maiores informações sobre o percurso artístico montaliano, colocando em maior evidência Giuseppe Ungaretti, poeta contemporâneo a Montale.

E, numa terceira ocasião, o leitor brasileiro pode se aproximar da poesia de Montale por meio de uma coletânea publicada em 1997, pela Editora Record do Rio de Janeiro. A obra levou como título *Poesias* e reuniu poemas de várias publicações do poeta: *Ossi di Seppia* (1925), *Le Occasioni* (1939), *La bufera e altro* (1956), *Satura* (1971), *Diario del '71 e del '72* (1973) e *Quaderno di quattro anni* (1977), seleção esta organizada e traduzida por Geraldo Holanda Cavalcanti.<sup>3</sup> Aqui, pela primeira vez o italiano foi apresentado ao público, por meio de um prefácio de seis páginas escrito por Luciana Stegagno Picchio, professora emérita da Universidade de Roma quando, então, foram explicitados os eventos editoriais e características que marcaram a carreira artística de Montale.

Uma fotografia do poeta, em preto e branco, associa-se a uma breve biografia na orelha como forma de apresentar Montale neste livro. Outra novidade que aparece são as notas no final do livro em que as peculiaridades de cada poema são tratadas, seguindo o exemplo das traduções francesas, espanholas e inglesas. Uma capa enigmática contribui para exigir a erudição do leitor: trata-se da ilustração de um detalhe do entalhe que adorna a tumba de Lorenzo de' Medici, denominado *Cabeça de Aurora*, e esculpido por Miguel Ângelo.

Cinco anos depois, em 2002, é editada a tradução completa de *Ossi di Seppia*, sob a tutela do tradutor Renato Xavier, aquela que, aqui, interessa-nos aprofundar análise. A edição que até hoje ainda circula nas livrarias brasileiras, na última edição de 2011, possui uma capa

1 Cf. MONTALE, E. "Borboletas de Dinard: memórias e fantasias", trad. Armandina Puga et all. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. 216 p.

2 Cf. MONTALE, E. "In limine e 'Felicità raggiunta, si cammina'". In *Poesia Sempre*, 03 (1995), n. 6, pp. 34-37.

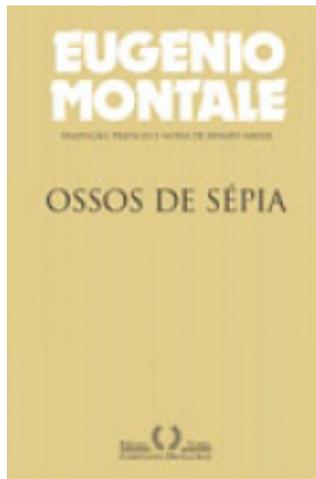
3 Cf. MONTALE, E. "Poesias". Edição bilingue, tradução Geraldo Holanda Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 1997. 287 p.

discreta e de tons que quase se misturam, lembrando a sépia que se mescla e troca de cor para constituir caminhos mais seguros, escapando, pois, do inimigo. O título *Ossos de Sépia*, em letras maiúsculas e pretas, quase no centro da capa, é a imagem que contrasta com o nome do autor, em letras maiúsculas, brancas e graúdas, que se subscrevem na parte superior da capa. Entre as duas menções, em linha pequena e letras de linhas finas, que quase se confundem com os traçados verticais cinzas da capa, figura o nome do tradutor e prefaciador, Renato Xavier. Uma capa sóbria, sem dúvida, e que traz embaixo o nome da Editora e a Coleção Prêmio Nobel a que a obra se classifica.

Uma capa sem imagens e cinza, produzida em 2002, por Moema Cavalcanti, parece ser portadora de um particular significado e contribui para atribuir sentido quanto ao conteúdo da obra tanto quanto à voz poética que ali se fazia representar.



Capa da Edição Italiana, 1925



Capa tradução bras. 2002

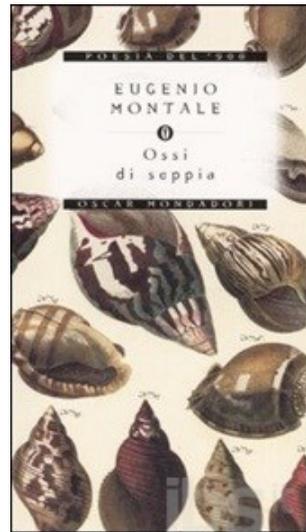


Capa tradução bras. 2011

Enquanto as duas edições brasileiras apostam no estilo da Gobetti de 1925, com predomínio das cores pardas e cinzas nas capas, as casas editoriais italianas se mostram mais diversificadas nas suas edições mais recentes:



Capa da Edição Mondadori, 2001



Capa da Edição Mondadori, 2003

O que sustentaria as diferenças de *layout* nas capas brasileiras e italianas? Por que os editores brasileiros escolheram conservar os traços fundamentais e perfil da capa elaborada no início do século? Que voz é essa que reverbera nesta escolha e em que medida isso tinge o texto poético na atualidade?

Pistas que nos aproximam de uma resposta a estas inquietações podem ser encontradas nos demais elementos paratextuais, a exemplo da orelha do livro que foi assinada por Dora Ferreira da Silva. Dora, importante expoente brasileira, que além de tradutora foi também poetisa, ressalta: “Montale é um poeta físico e metafísico” e “Montale é um anti-D’Annunzio”, procurando, com isso, delinear um perfil tanto do poeta, como de sua letra, que é designada como “o perto-do-chão-das-coisas e o súbito vislumbrar do outro lado”.

O ponto final da resumida análise de Dora Ferreira da Silva é precedido de um comentário que procura dar conta de um pensamento poético que inegavelmente trouxe muitas contribuições ao campo literário europeu no curso do século XX. Em suas palavras: “O tema do duplo domínio aparece em sua linguagem poética, sugerido por palavras e experiências aparentemente triviais, mas que desencadeiam o sobressalto mudo do sentimento do mistério”. (SILVA, 2002, orelha).

Na mesma linha segue o tradutor que também coloca em evidência a tendência metafísica da poesia, permeada de cogitações passíveis de serem interpretadas como alegorias filosóficas, e argumenta:

O caráter alegórico das imagens parece não atingir a definição explícita em que o significado participa de modo consistente da imagem simbólica. O caráter assertivo e transcendente do símbolo não se impõe nas imagens vivenciadas, que se absterem de manifestar um sentido estranho à contemplação do poeta. (XAVIER, 2002, p. 18).

Tal como a poetisa brasileira (Dora), Xavier se mostra convicto de que Montale constitui uma obra cuja natureza - componente bastante abordado no curso da obra -, é elemento de interlocução figurada que indica o anseio de exteriorização de sentidos mais auspiciosos que perpassam a expressão interior do poeta. E o que lhe vai no interior? Montale é reconhecido por seus pares por sua sensibilidade, como menciona Sibilla Aleramo, a reconhecida escritora e poetisa italiana que igualmente escreveu seus textos no limiar do nascimento do pensamento *novecentesco*. Em 25 de março de 1943, Sibilla anota em seu diário: “*Ieri ho avuto la visita di Eugenio Montale, sensibilità scoperta, temperamento timido, quasi chiuso.*” (ALERAMO, 1945, p. 175).

A percepção de Sibilla, de que Montale possuía “*sensibilità scoperta, temperamento timido, quasi chiuso*”, em certa medida, chega aos nossos tempos vertido na observação de Dora Ferreira da Silva, que igualmente aponta para o sobressalto mudo do sentimento do mistério que atravessa os versos montalianos.

Se o componente da *sensibilità scoperta* pulsa ao lado do mistério, e se isso pode se confirmar como uma veia metafísica do poeta, há que ponderar igualmente sobre as múltiplas possibilidades de interpretação da palavra montaliana nunca concebida para ser cópia do real, mas sim, a própria manifestação de uma percepção artística perpassada pela emoção e inquietação e retroalimentada no silêncio.

O silêncio é a condição que o poeta ressalta nos versos que fazem parte de um dos poemas da sessão *Mediterraneo*, poema que intercala as sessões *Ossi di Seppia* e *Meriggi e Ombre*: “*In lei tìtubo al mare che mi offende, / manca ancora il silenzio nella mia vita.*” (MONTALE, 2012, p. 57). Pode-se conceber esse “desejo de silêncio” como um modo de acolhimento da matéria artística, a qual, em Montale, confirma-se derivar de sua experiência sensorial cotidiana. Logo, se considerarmos que o silêncio é a manifestação de uma presença, como considerar a opção de Renato Xavier que dispensa maiores apresentações do poeta em clássicos resumos na orelha?

Não há resumo da vida do poeta, origem e datas de nascimento e morte e, nem mesmo comentários sobre sua trajetória de aproximadamente 65 anos de produção literária, como requer a clássica edição da orelha do livro. Há apenas uma pequena fotografia de um homem maduro, de terno e gravata escuros e com semblante sério (senão melancólico) cujo olhar se debruça sobre algo à frente. Ali parece haver um texto, um poema, ou algo que o toca, porque a imagem reflete concentração, o que é ressaltado também pela imagem em preto e branco, que lhe tira qualquer perspectiva colorida, além do destaque da sombra no fundo.

A fotografia parece ter sido escolhida para endossar a imagem do poeta “físico e metafísico”, ressaltada por Dora Ferreira da Silva, na apresentação do artista. Em contrapartida, a imagem se mostra bastante distinta dos costumes perpetrados na cultural de chegada, cujo colorido é bastante valorizado na produção editorial.

Será esse mais um indicador de que essa tradução completa de *Ossi di Seppia* se dirigia a um público muito particular, para o qual o que mais interessava era o fulcro da palavra poética?

## Referências

- ALERAMO, S. *Dal mio diario (1940-1944)*. Roma: Tumminelli, 1945.
- MONTALE, E. *Tutte le poesie*. A cura di Giorgio Zampa. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2012. 1.245 p.
- SILVA, D. F. In MONTALE, E. *Ossos de sépia*. Trad. Renato Xavier. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (orelha).
- XAVIER, R. “Prefácio”. In Montale, E. *Ossos de sépia*. Trad. Renato Xavier. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 16-17.

Recebido em 26/02/2017

Aprovado em 20/07/2017